Velhos e os Novos Desafios da Animação Sociocultural

*Marcelino de Sousa Lopes
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*

Contexto Histórico em que nasce a Animação Sociocultural

Segundo os historiadores, foi André Malraux quem trouxe, nos longínquos anos cinquenta, o termo Animação Sociocultural para o léxico social, cultural e educativo. Estávamos então à porta do erguer da Europa dos escombros deixados pelas duas guerras mundiais.

Malraux sabia que a cultura transporta um protagonismo e uma dinâmica social consideráveis e nada melhor do que colocá-la ao serviço de causas e, a partir dela, mobilizar a França, uma vez que este país necessitava de todos os recursos para a emergente e necessária tarefa reconstrução.

Nos anos 60, os países mais industrializados e urbanizados da Europa, desenvolvem, a partir da matriz francófona, uma forma de intervenção social, cultural, educativa e política que se denomina Animação Sociocultural e que vai permitir criar dinâmicas junto das populações no sentido de estas gerarem processos organizativos e de auto-desenvolvimento.

A Animação Sociocultural nasce assim com intenções pedagógicas, como muito bem enunciam as primitivas correntes como, por exemplo, as de J. Charpentreau, 1964, *A Animação Sociocultural consiste essencialmente em oferecer possibilidades de cultura no mais amplo sector possível da vida do cidadão, fazendo-o participar e tornando-o protagonista*. Outra voz que dá sentido às orientações da Animação Sociocultural é J.P. Imhof, 1966, que refere: *A função da Animação Sociocultural define-se como uma função de adaptação às novas formas da vida social (...), com os aspectos complementares de bálsamo para as inadaptações e de elemento de desenvolvimento individual e colectivo*. Registamos ainda a concepção trazida por um grupo de trabalho formado por responsáveis de associações culturais que, a pedido do Ministério da Juventude e Desportos Francês, propõe, em 1966, o seguinte: *A Animação Sociocultural deveria converter-se em Pedagogia da compreensão e da intervenção, estabelecer relações de igualdade (...)*. Esta equipa defende, ainda, que a Animação Sociocultural deve estar veiculada à autonomia, à participação, ao desenvolvimento e à diversidade.

Assim, esta inovadora corrente pedagógica, rapidamente se propaga pela Europa, apoiada por sectores progressistas da igreja, por partidos políticos progressistas, por políticos com reconhecimento social baseando-se na máxima *acompanhem-me e seremos muitos*, fazendo desta sigla o apelo a uma liderança partilhada e participada. Promove, ainda, a Animação Sociocultural o movimento laico que, com os seus princípios norteadores, marcados pelo rigor, coerência e a prática da máxima liberdade para a máxima responsabilidade, criam condições para a emersão de seres autónomos, solidários, críticos e implicados no viver a vida de forma interpessoal.

Dão também impulso à Animação Sociocultural as sociedades de cultura e recreio, o movimento associativo, o cooperativismo, o sindicalismo e os movimentos pedagógicos inovadores que, pela Europa e pelo mundo, espalham a nova metodologia que visa trazer para o mundo pessoas que viviam à margem dele.

Não podemos também ignorar a importância dada à Animação Sociocultural nos anos 60 - 70 por instituições como a UNESCO e o Conselho da Europa. Estas duas entidades estão incontornavelmente associados à história da Animação Sociocultural pelo muito que contribuíram para a sua expansão e incremento.

Importa, neste contexto histórico, trazer à colação o projecto de Animação Sociocultural levado a cabo em 1972-1973 que sobre a égide do comité de educação extra-escolar e do desenvolvimento cultural, apresentado ao Conselho para a Cooperação Cultural – C.C.C., lança os fundamentos duma política educativa integrada, em que a Animação Sociocultural aparece como uma estratégia para preencher o fosso cultural existente.

Neste sentido o Conselho da Europa elaborou uma declaração política em matéria de Animação Sociocultural, onde proclama: *A democracia traz em si a obrigação moral de trabalhar para a instauração duma sociedade na qual todo o cidadão sabe que dispõe duma voz que será respeitada nas decisões que afectam a sua vida e a da sua comunidade. É pois urgentemente recomendado:*

- a) *que os Governos elaborem e apliquem uma política de Animação de Animação Sociocultural e lhe atribuam, na planificação nacional, uma importância igual à que atribuem às políticas em matéria de educação, alojamento, protecção social, etc;*

- b) *que esta política vise os seguintes objectivos:*

- *atenuar, para finalmente eliminar, o handicap sociocultural e dar a todos oportunidades iguais nesse domínio;*
- *diminuir, para finalmente eliminar o fosso sociocultural entre as camadas sociais;*
- *criar condições próprias para incitar o maior número de pessoas possível a fazer valer plenamente as suas potencialidades próprias assim como os benefícios que elas podem encontrar na associação com outros... (...)*

Exprimiam-se ainda o seguinte desejo: *que a primeira tarefa desta autoridade seja planificar e esboçar – ao nível dos programas e da organização – um sistema para a formação de animadores profissionais.*

E também ministrar uma formação em animação sociocultural a todos que independentemente da sua profissão possam estar ao serviço da Animação Sociocultural.

Era o tempo da cultura para todos, princípio plasmado dentro da denominada democratização cultural, cujos pressupostos assentavam no princípio da não-aceitação de uma cultura culta reservada a uma minoria privilegiada.

Pretendia-se a promoção de projectos assentes directamente numa cultura de vivência e participação comprometida com o desenvolvimento social, cultural e educativo.

Estava lançado o desafio à Animação Sociocultural para encontrar soluções colectivas e não individualistas para as diferentes mutações sociais, económicas e culturais das sociedades modernas. Interessava encontrar respostas educativas e criativas para animar, e não ocupar, o crescente tempo livre e os muitos problemas surgidos em torno do êxodo rural, da densidade populacional elevada, da integração social, da desumanização, do analfabetismo, etc. Acresce ainda dizer que a Animação Sociocultural não é um termo universalmente aceite. Há países, como por exemplo os Anglo-saxónicos, que designam a metodologia da Animação Sociocultural como desenvolvimento comunitário, outros, como a Alemanha, utilizam o conceito Pedagogia Social, na América Latina é muito usual o termo Educação Social e Comunitária e Recreacionismo...

A Animação Sociocultural e a contemporaneidade com a Sociedade do Bem-Estar

Embora a Animação Sociocultural não seja uma criação exclusiva da chamada sociedade do bem-estar (*Welfare State*), pode-se afirmar que existe uma relação muito estreita no que concerne à aplicação dos ideais preconizados, nomeadamente, pela democratização da cultura. Isto mesmo é sublinhado por Petrus (1999) ao referir que *é um erro pensar que a nova sociedade do bem-estar é consequência exclusiva dos benefícios oriundos da industrialização. Sem a existência de outros factores, como, por exemplo, a democratização da sociedade, a sua secularização, o advento dos Estados nacionais, o aparecimento de determinados movimentos sociais..., a cultura do bem-estar não teria existido ou teria seguido, possivelmente, rumos muito diferentes dos que conhecemos.*

Contudo, constatamos a importância conferida à Animação Sociocultural para este advento da sociedade de bem-estar através da realização de acções que visavam a implicação de pessoas em torno de projectos sociais, culturais e educativos.

Não poderia existir a democratização cultural e a difusão cultural desligadas do contexto socioeconómico, sociopolítico e sociocultural. O desenvolvimento é algo concertado entre estes diferentes campos e para isso era necessário um método assente em metodologias participativas que mobilizasse as pessoas a partir da criação de dinâmicas diferenciadas mas ligadas à vida das pessoas.

Também não há bem-estar possível sem a existência de práticas sociais e culturais e de pessoas animadas em reforçar a coesão de uma comunidade. Ninguém vive sozinho. Por isso, viver é conviver ou viver com. A Animação Sociocultural cumpre um eficaz papel já que ela é em si pedagogia da vivência e da convivência.

Anos 60 - 70 O bem-estar Europeu e mal-estar Português

Pela História da Animação Sociocultural compreendemos que a sua evolução não é, nem podia ser, comum em toda a Europa. Portugal e Espanha, viviam à época, imolados por uma feroz ditadura e é por isso legítimo afirmar que enquanto alguns países europeus viviam o bem-estar social, cultural, educativo, económico, político, em Portugal vivia-se o mal-estar provocado pela falta de liberdade de expressão, associação, movimentação e participação.

Era o tempo em que conversar com mais de três pessoas podia ser um acto subversivo, partilhar afectos podia ser um atentado, falar em publico era problemático...também era o tempo da apologia do analfabetismo, do caciquismo e do culto ao chefe e da defesa do consumo de álcool para dar trabalho aos Portugueses. Tempo também marcado pela guerra colonial onde jovens portugueses combatiam até à morte jovens africanos e o resultado são os cemitérios com tantos “heróis nacionais”.

Neste quadro, não havia lugar em Portugal para a Animação Sociocultural. Existia a Fundação Nacional Para a Alegria no Trabalho que, inspirada no *Kraft Durch Freud – KDF*, de Hitler, e do *Dopolavaro* de Mussolini, preconizava uma intervenção denominada *Alegria no Trabalho* como meio de manipular, intoxicar e alienar as consciências.

Dois slogans se impunham neste contexto histórico que expressavam a situação política vigente: os três *f(s)* de *Fátima, fado, futebol e o orgulhosamente sós* que davam a visão de um país pobre, isolado e distante do resto de mundo.

Contudo, existiam pessoas e grupos que rumavam contra a maré, isto é, utilizavam de forma clandestina metodologias de Animação Sociocultural. Neste contexto importa registar a acção levada a cabo por sectores progressistas da igreja, nomeadamente o movimento GRAAL, a Juventude Universitária Católica e a Juventude Operária Católica, os grupos políticos, sobretudo, os da área da esquerda, as muitas acções de alfabetização e educação popular marcadas pelo método de Paulo Freire e levados a cabo por estudantes universitários.

No plano cultural, começa a emergir uma produção ligada ao pulsar do tempo, sendo de realçar o movimento do teatro de amadores que, no início dos anos 70, ganha relevância com o aparecimento da APTA – Associação Portuguesa de Teatro de Amadores e o Teatro Universitário que, com textos de dramaturgos “malditos”, começa a agitar muitas consciências, despontando o chamado Teatro Independente que, inovando esteticamente, liga a sua intervenção aos problemas do quotidiano.

É de realçar o aparecimento de estruturas não governamentais, designadamente a Sociedade *de Estudos para o Desenvolvimento Económico e Social – SEDES* que fornece um conjunto de reflexões sobre o país nas dimensões do social, do cultural, do educativo, do político e do económico.

A Animação Sociocultural encontra, ainda, outros aliados, nomeadamente nos movimentos políticos de esquerda que, a partir de acções de agitação e propaganda, difundem técnicas de Animação.

Começam também a proliferar em Portugal técnicas de promoção da participação que, plasmadas na metodologia teatral de Augusto Boal, difundem o chamado teatro invisível levado a cabo em comboios, nas praças, nas ruas, e traduz-se num eficaz meio de consciencialização das pessoas para mudar o “status quo”.

A Animação Sociocultural e o 25 de Abril em Portugal

De acordo com Lopes (2006), a institucionalização da Animação Sociocultural em Portugal ocorre com o 25 de Abril de 1974. A revolução portuguesa faz com que os Portugueses se transformem em 10 milhões de Animadores. Não, não é exagero porque, neste tempo, ser animador, mais do que uma profissão ou vocação, era uma obrigação cívica, ética e patriótica.

A Animação Sociocultural estava na rua e aparecia de forma espontânea. Nas ruas, nas praças e nas avenidas existia uma acção levada a cabo por um povo que cantava, dançava, actuava, pintava, escrevia, etc. Como dizia o grande poeta de Abril, José Carlos Ary dos Santos, a poesia estava na rua.

Era um Povo que se libertava das amarras e que procurava através da intervenção cultural o efeito de catarse que essa mesma cultura provocava. Um povo que queria ser actor e não espectador, um povo que não queria apenas ver teatro, mas também fazer teatro, um povo que queria participar na reconstrução do seu país e não apenas delegar, um povo que estava a reaprender o sentido da história, a viver em liberdade. Liberdade para se expressar,

liberdade para interagir, liberdade para se associar, liberdade para se movimentar, para criar, recriar e recrear-se.

A Animação Sociocultural ligava-se, assim, à acção concreta já que se estava num país com muitas carências estruturais onde eram necessárias muitas estradas, escolas, jardins de infância, centros culturais, lares de terceira idade, casas de cultura para jovens. E como foram criados muitos destes equipamentos? Através da Animação Sociocultural já que este método de intervenção era, e é, o único que permite mobilizar vontades e criar dinâmicas de intervenção para que de, uma forma colectiva, se responda às necessidades das pessoas. Somos testemunhas vivas destes exemplos porque também fomos actores protagonistas de muitas acções que ocorreram neste país durante este período.

No Portugal de Abril, existiam muitas estruturas que estavam incontornavelmente ligadas à história da Animação Sociocultural em Portugal, nomeadamente o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis – FAOJ, pelo muito que contribuiu para a afirmação desta metodologia de intervenção. Registamos que este organismo criou em 1975 uma Divisão de Formação Técnica que tinha as seguintes funções: serviços de formação técnica, cuja missão era realizar acções de formação de animadores e a realização de encontros, estágios, congressos e seminários relacionados com a animação sociocultural; serviço de animação onde se procurava apoiar metodologicamente a acção dos Animadores a nível nacional e os centros de animação regionais; serviços de produção e divulgação que apresentavam como intenção a elaboração e divulgação de textos teóricos sobre animação, a divulgação de filmes documentais sobre o trabalho de animação, criação de uma rede nacional de informação sobre recursos e equipamentos para a animação; serviço de coordenação e apoio com o intuito de elaborarem pareceres sobre a formação de animadores e formação em animação, a organização de encontros sectoriais sobre as questões da animação e dos animadores e coordenarem, a nível nacional, os Animadores Socioculturais; por último a DFT preconizava a criação de Gabinetes de apoio / órgãos consultivos onde se fazia menção à colaboração especializada de diversos agentes (médicos, professores, padres, economistas, dirigentes associativos, escritores...) para reflectirem em conjunto com os Animadores Socioculturais a importância da animação sociocultural como metodologia de intervenção.

Realçamos também a criação da Comissão Interministerial para a Animação Sociocultural – CIASC, criada em de Outubro de 1974 e que tinha por objectivo, de acordo com o diário do Governo, de 7 de Outubro, destacamos o seguinte: articular serviços de Animação Sociocultural dispersos por diferentes organismos; dinamizar processos ligados à Animação Sociocultural junto das populações; criar equipas móveis de peritos em Animação Sociocultural para intervirem a nível local e regional; lançar bases para o aparecimento de um serviço de voluntariado para colaborar em acções de Animação Sociocultural espalhadas por todo o território nacional.

Esta comissão Interministerial foi constituída pelo Ministério dos Assuntos Sociais, Ministério do Equipamento Social e do Ambiente, Ministério da Educação e Cultura e Ministério da Juventude e Desportos.

De destacar, ainda, o aparecimento da Intervenção – Revista de Animação Sociocultural, que aparece em Fevereiro de 1977, resultante do esforço de um grupo de Animadores Socioculturais que tinha à cabeça deste projecto o seu grande impulsor Luís Martins. Apresentava-se como um espaço aberto ao debate e ao diálogo sobre as questões da Animação e dos Animadores em Portugal. Durou quase 10 anos e é inegável que o seu espólio é de uma importância vital para a história da Animação Sociocultural em Portugal.

Honra também para os Homens deste País que, pela sua acção, dedicação, exemplo e sabedoria muito contribuíram para a afirmação da Animação Sociocultural em Portugal, o pioneiro dos pioneiros, Orlando Garcia, o melhor de todos nós a conceptualizar e a reflectir sobre a importância da Animação Sociocultural e de entre as suas muitas marcas destacamos: a filosofia de intervenção da DFT / FAOJ, a criação da Associação Portuguesa de Animação Sociocultural – APAS, a Associação Nacional de Animação Cultural – ANAC e a Associação Portuguesa de Animadores Culturais – APAC. Francisco Madeira Luís, a partir da Direcção Geral de Acção Cultural – DGAC, foi o grande impulsionador de Centros Culturais Regionais, centros estes que deram um relevante contributo para o desenvolvimento sociocultural das regiões. Relembramos alguns dos primeiros formadores de Animadores Socioculturais: António Inverno, Avelino Bento, Benjamim Marques, Domingos de Moraes, Francisco Simões, Isabel da Nóbrega, José Caiado, José Saramago, Luís Varela, Manuel Cabral, Manuel Pina, Mário Barradas, Mário Cortesão, Orlando Garcia e Vasco Granj

A Animação Sociocultural na Actualidade

Na actualidade a Animação Sociocultural, em Portugal, e em diferentes contextos do mundo, encontra-se num estágio de evolução cuja complexidade importa reflectir mediante um discurso que revele a validade e a imprescindibilidade sociais da sua actuação. Contudo, existem questões que necessitam de respostas, nomeadamente se a Animação Sociocultural deve desenvolver a sua intervenção a partir de movimentos sociais? Ou se deve reivindicar a sua reentrada na administração pública e a partir daí intervir? Ou ainda se deve ter capacidade para assumir os requisitos da sociedade de mercado, e cuja intervenção será marcada pela oferta privada?

Nós entendemos que a Animação Sociocultural deve estar em todas as frentes. Porém, é preciso ter em conta que os seus intentos se inscrevem numa cidadania activa que urge desenvolver face aos muitos problemas existentes na sociedade portuguesa e que nunca é demais recordar:

- desintegração humana: social, cultural, familiar, política, educativa;
- debilidade dos movimentos sociais, nomeadamente: associações, sindicatos, organizações populares de base que, num passado recente, respondiam às insuficiências do poder;
- democracia calendarizada, ritualizada e desligada do sentido da vida quotidiana e cada vez mais ligada a um sistema partidocrático fracturante e leitor de uma realidade parcial;
- delegação representativa em vez de participação assumida pela via do compromisso social;
- gestão cultural do produto em vez da cultura do processo;
- visão multicultural e intercultural desligada de uma valorização educativa cada vez mais associada aos fenómenos de exclusão;
- desigualdades sociais geradoras de injustiças
- uma “cultura” virtual alienante, desfasada da vida e assente no virtual, onde as pessoas vivem a partir da vida dos outros;

- comunicação mecânica, onde se fala a partir do telemóvel, da Internet, impedindo a pessoa do diálogo humano;
- consumismo irracional, revelador de um símbolo assente no primado do ter em relação ao ser;
- dependência de fármacos, nomeadamente antidepressivos, geradores de dependências psicossomáticas, devido à ausência de programas de Animação Sociocultural fomentadores de convívio e promotores de uma vida com sentido;
- desintegração do meio rural e grande concentração humana na faixa litoral do território, provocando desequilíbrios ambientais, culturais, sociais;
- desagregação do sector primário e debilidade do sector produtivo secundário, originando uma concentração de recursos humanos na área dos serviços, causadora de desajustes no tecido social;
- apologia do passatempo e do “mata tempo” no centro comercial, segundo os ritmos da “cultura do Shopping”, onde se vai para ver e comprar o que se precisa, mas também o que se não necessita e, onde se assiste a um movimento de pessoas sem laços humanos e à exclusão social entre os que vêm e os que compram.

Temos continuamente afirmado que não acreditamos numa Animação Sociocultural tipo guarda-chuva onde tudo se alberga e onde se encontram soluções para todos os males do mundo. Tão pouco aceitamos uma Animação Sociocultural tipo “penso rápido” que apenas serve para sarar as muitas feridas existentes. Acreditamos sim numa metodologia chamada Animação Sociocultural que, a partir de diagnósticos, pode intervir a partir das muitas técnicas sociais, culturais e educativas, mobilizar as pessoas para a encontrar respostas para os problemas colectivos.

É a partir deste desiderato que se podem projectar programas em áreas diversificadas, como:

- saúde: a partir da acção terapêutica da Animação Sociocultural é possível reduzir nos custos com fármacos, através do bem-estar, felicidade, harmonia, criatividade e auto estima conferidos pela acção da Animação;
- educação: através da articulação dos espaços educativos formais, não formais e informais e, ainda, pela partilha e cruzamento de saberes, levando os alunos a uma melhor capacidade de aprenderem e tornando o tempo livre num tempo educativo;
- prevenção do risco: os programas de Animação Sociocultural constituem um meio de precaução, eliminando focos de violência, marginalidade, dependência, agressividade e criminalidade;
- animação do ócio diurno e nocturno dos jovens: conferir um sentido criativo, divertido e educativo através de programas que envolvam a participação juvenil;
- dar sentido à vida: promover formas criativas assentes na acção e não na passividade, na participação e não na delegação, no animar o tempo e não na morte do tempo;
- ambiente: ligar o ambiente ao homem numa perspectiva de eco-território partilhado e assumindo-o como património humano;
- justiça: nada é mais justo e igualitário do que um programa de Animação Sociocultural. As pessoas são seres iguais que cooperam entre si, retirando à vivência diferenças sociais, poderes e diferenças etárias;
- prevenção rodoviária: dado Portugal ser um país com uma taxa elevada de sinistralidade é possível, a partir de programas de Animação Sociocultural, intervir

através de uma educação rodoviária que anule a mera informação mecânica, promovendo a envolvimento directa das pessoas à volta de uma formação centrada em questões ligadas à humanização relacional;

Os desafios de hoje colocados à Animação Sociocultural inscrevem-se na satisfação das múltiplas situações descritas e que, estranhamente, alguns dos problemas que originaram o aparecimento da Animação Sociocultural subsistem e alguns até se agravaram.

À semelhança do início dos anos sessenta permanecem as questões relacionadas com a desertificação rural, a elevada densidade populacional, os problemas de integração e exclusão, a pobreza, a solidão, o desemprego, o analfabetismo, a violência....

Ao contrário dos anos 60/70 em que os políticos emergiam pela via do reconhecimento social e político, hoje chega-se a governante somente pelo reconhecimento partidário e então despontam estadistas que, onde existem pessoas, apenas vêem números de eleitores e do conceito de participação apenas conhecem um ritual que normalmente acontece de quatro em quatro anos e serve para validar a eleição dos ditos políticos.

Recordamos, aqui, a desvirtuação da sigla em voga nos anos 70 e que se resumia ao *acompanhem-me e seremos muitos*, os políticos faziam então a apologia da participação vivenciada e comprometida com o processo político, a dita sigla deu lugar a uma outra na actualidade, de sinal contrário e que é colocada em prática por muitos políticos e que se designa pelo *acompanhem-me e eu serei muitos*, aqui as pessoas são números e o político faz-se dono das pessoas que são relegadas para o mero interesse individual do eleito.

Até à data nunca conhecemos nenhum político que depois de eleito lamente a falta de participação das pessoas, normalmente temem a participação e tentam amarrá-la e condicioná-la. É urgente uma política com sentido ético. É preciso acreditar de novo no exercício cívico da política. Para isso acontecer são requeridos políticos com reconhecimento social e que prestem serviços relevantes às populações que os elegeram.

E é por isto que o poder político de hoje, ao contrário dos anos 70, assume alguma resistência à Animação, em virtude do discurso crítico colidir com os interesses instalados de uma classe política cada vez mais desfasada da população, como o demonstra a evolução da taxa de abstenção nos sucessivos actos eleitorais. Contudo, embora a maioria da classe política se oponha a este método de intervenção, existe uma minoria de políticos que vê na Animação Sociocultural um meio de potenciar a democracia, um caminho para a assunção de uma cidadania plena, um processo conducente à credibilidade da acção política, uma forma de conferir verdade e legitimidade à eleição e ao exercício de funções políticas.

Para estes e para os políticos do futuro, estamos convictos de que a Animação Sociocultural constitui e vai constituir cada vez mais uma estratégia de intervenção, permitindo a introdução de programas de Animação e, ao mesmo tempo, promovendo o aparecimento de cidadãos com plena cidadania: críticos, solidários, tolerantes, cooperantes, participantes nas causas públicas, felizes, e onde a acção humana constitui a chave para uma nova forma de estar e de ser.

A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E AS PERSPECTIVAS FUTURAS

Assistimos hoje a uma crescente proliferação de cursos de Animação Sociocultural, a toda a hora nos chegam-nos notícias de fóruns sobre Animação Sociocultural, de congressos, de jornadas, seminários ...

Parece que a Animação Sociocultural está na agenda do dia. Todavia, na nossa perspectiva existe um grande fosso entre a formação, a informação e a intervenção prática.

Se olharmos à nossa volta observamos que apesar da evolução notada, continuam a existir muitos infantários / armazéns de crianças, continuamente deparamos com lares de terceira idade que na prática são depósitos de idosos e ao contrário de alguns anos atrás (poucos anos) são retirados à juventude espaços de diálogo, interacção, convívio, etc.

Há muito tempo que o poder central renega a Animação Sociocultural e mesmo algum poder local prefere gestores, monitores, a Animadores Socioculturais.

Então porque se formam tantos Animadores Socioculturais? Estará a formação de Animadores Socioculturais e de Animação Sociocultural condenada ao fracasso?

Pensamos que no futuro vão ser necessários muitos Animadores para responderem aos desafios descritos. Mas atenção caras Animadoras e caros Animadores, o futuro, que é já hoje, vai trazer profundas alterações, a começar pela precariedade laboral que vai requerer trabalho em rede. O futuro passa ainda pela criação de empresas que vendam serviços de Animação a lares, jardins-de-infância, municípios, associações, empresas, etc.

Para a compreensão do fenómeno da Animação Sociocultural e para perspectivarmos o futuro, devemos também ter em conta as profundas alterações ocorridas nas últimas três décadas e que passam pelo seguinte:

- nos anos 70 e 80, chegava-se animador pela acção prática, a formação académica tinha pouca importância. Hoje chega-se a Animador pela teoria desligada da acção prática;
- nos anos 70 / 80, a empregabilidade dos animadores era feita sobretudo por instituições públicas. No futuro o trabalho de Animação Sociocultural vai ser realizado por empresas de Animadores especializadas que vão intervir em rede;
- no passado, a profissão de Animador Sociocultural era maioritariamente masculina, no futuro vai ser esmagadoramente feminina.

Esta constatação leva-nos a reflectir sobre um importante rtigo de Maria José Aguilar (2005), que aborda o futuro da Animação Sociocultural e a sua dimensão interdisciplinar. Afirma esta autora: (...) *O trabalho social em geral, e a Animação Sociocultural em particular, está marginalizada em todas as sociedades. Incluindo a França que é o espelho donde todos parecemos olharmos, dado que foram «os pais da criatura». Efectivamente, é uma actividade marginal e marginalizada, não por não ser importante (...) contudo temos de tomar consciência das mudanças sociais e posicionarmos s correctamente as pessoas que trabalham nestes campos.*

Esta nova realidade requer novos compromissos e, sobretudo, há que ter em conta que os tempos são de acentuada mudança.

Recorrendo de novo a Aguilar e à evidencia de que o futuro da Animação Sociocultural não passa nem pelo individualismo, com as marcas do capitalismo, nem pelo colectivismo defendido pelos movimentos socialistas do século XX, importa revalorizar o comunitário que requer formas inovadoras de intervenção, onde se apliquem novas metodologias de acção no domínio do social, cultural e educativo, exigindo, cada vez mais, à Animação Sociocultural ter presente as muitas mutações operadas, como por exemplo as alterações no novo espaço social urbano, o novo espaço social rural, o multiculturalismo e a

interculturalidade, a globalização, o meio ambiente, o desemprego e o emprego, etc. questões que requerem respostas colectivas.

Porque importa ter presente que estes quase dez anos do século XXI nada trouxeram de inovador à Animação Sociocultural e aos Animadores. Contudo aconteceram tantas ocorrências... Tantos factos históricos...

Urge que a Animação Sociocultural do século XXI tenha presente a história passada e requeira novos desafios. A herança trazida do século XX pode não ser a melhor, mas é uma história cheia de luta, sofrimento, tortura, resistência, persistência e sempre com o pensamento de que *outro mundo podia ser possível*.

Bibliografia

Aguilar, Maria José. (2005): *El Futuro de la Animación Sociocultural y su Dimensión Interdisciplinar*. Cuadernos de Animación n.º 8. Astúrias, Asociación cultural Asturactiva,

Ander-Egg, Ezequiel. (1992-2.ª edición): *La animación y los animadores*, Madrid, Nancea Ediciones.

Ander-Egg, Ezequiel. (2000): *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*, Madrid, Editorial CCS.

Peres, Américo. (2004): *A Animação Sociocultural no centro do desenvolvimento pessoal e comunitário*, Porto, A Página da Educação.

Bedesá, Sara de Miguel. (1995): *Perfil del Animador Sociocultural*, Madrid, Nancea Ediciones.

De La Riva, Fernando (1989): «Piezas para un rompecabezas: participación y procesos socioculturales en la sociedad industrial avanzada del fin del milenio». In. *Procesos Socioculturales y Participación*, Madrid, Editorial Popular, pp. 39-48.

Lopes, Marcelino de Sousa (2006): *Animação Sociocultural em Portugal*, Chaves, Intervenção.

Quintana, José María. (1993): *Los ámbitos profesionales de la Animación*, Madrid, Nancea Ediciones.

Placer, Félix Ugarit. (2000): *Educación y Animación Sociocultural en una Sociedad Globalizada*. Cuadernos de Animación n.º 1. Astúrias, Asociación cultural Asturactiva,

Petrus, A. Rotger (1997): «Animación sociocultural y estado de bienestar». In. Trilla, Jaume (coord.): *Animación Sociocultural teorías, programas y ámbitos*, Barcelona, Ariel Educación, pp. 323-340.

Sánchez, Antonio. (1997-2.ª edición): *La Animación Hoy una respuesta a la realidad social*, Madrid, Editorial CCS.

Trilla, Jaume. (1997): “Concepto, Discurso Y Universo De La Animación Sociocultural”, in Trilla (coord.): *Animación Sociocultural Teorías, programas y ámbitos*, Barcelona, Ariel Educación, pp. 13-38.

Ucar, Xavier (1992): *La Animación Sociocultural*, Barcelona, Ediciones CEAC

Ventosa, Víctor (2002): *Fuentes de la animación sociocultural en Europa*, Madrid, Editorial CCS.